



Nota histórica sobre Cristóvão Ferreira O jesuíta português protagonizado no filme "Silêncio"

Se pudéssemos voltar à Europa do século XVII, as perguntas que surgem com *Silêncio*, o novo filme de Martin Scorsese, não cairiam fora de contexto. Quem foi Cristóvão Ferreira? O que fez? O que disse? Hoje, como antes, são poucas as coisas que podemos afirmar com absoluta certeza sobre este jesuíta português, à volta do qual se construiu o livro "Silêncio", de Shusaku Endo, e que dá agora origem ao filme do realizador americano.

Ainda assim, conhecemos alguns aspectos que certamente ajudarão a compreender melhor a narrativa do filme.

Cristóvão Ferreira, conhecido no Japão por Sawano Chūan, nasceu em Torres Vedras em 1580. Entrou na Companhia de Jesus aos 17 anos e, logo em 1600, foi enviado para trabalhar nas missões do Oriente. Estudou Teologia em Macau e foi ordenado padre em 1608.

Partiu para o Japão no dia 16 de Maio de 1609, embarcado no *Nossa Senhora da Graça*. Esteve primeiro em Arima, onde se dedicou a estudar Japonês e a ensinar Latim. As primeiras manifestações da perseguição religiosa que marcou as décadas seguintes começaram a surgir logo depois. Em 1612 o seminário foi fechado e os missionários forçados sair da cidade.

Depois de uma breve passagem por Nagasaki, Ferreira foi enviado para Kyoto. A comunidade cristã era então muito numerosa, contando com cerca de trinta mil fiéis, só naquela região. Não deixou de surpreender, portanto, que no início de 1614 se procedesse ao registo e expulsão de todos os cristãos.

O superior da comunidade de Kyoto decidiu registar apenas alguns dos que ali viviam, devendo permanecer na clandestinidade os que fossem menos conhecidos. Entre eles ficou Cristóvão Ferreira, que vivia escondido, saindo apenas de noite para visitar os cristãos daquela cidade e de algumas povoações vizinhas.

Em 1617, o padre Provincial, Mattheus de Couros, chamou-o para Nagasaki. Nesses anos em que foi secretário do Provincial, tinha de estar em permanente contacto com todos os outros Jesuítas. Era ele quem distribuía os medicamentos e provisões e quem administrava o dinheiro, bem como as outras coisas necessárias ao funcionamento das diversas comunidades (por exemplo, o vinho de Missa). Por esta razão, viajava frequentemente pelo Japão, mesmo correndo o risco de ser descoberto e preso.

Depois de uma breve passagem por Osaka, onde foi superior da missão no Japão Central, regressou a Nagasaki. Com a morte do Padre. Mattheus de Couros, e uma vez

que era o Jesuíta professo mais antigo na Província, assumiu a sua administração como *locumtenens*, ou seja, Provincial não nomeado pelo superior Geral dos Jesuítas.

Um ano mais tarde, a 18 de Outubro de 1633, Cristóvão Ferreira foi finalmente preso, juntamente com outros religiosos, tanto missionários estrangeiros, como japoneses. Foi-lhes aplicada a tortura da fossa, método exclusivamente destinado aos cristãos para que negassem a sua fé. Os Holandeses do tempo (aliados comerciais do Império Nipónico e, por serem protestantes, antipáticos à pregação católica) relatam a prática como um dos suplícios mais insuportáveis, entre os que eram infligidos pelas autoridades japonesas. Consistia em pendurar os prisioneiros de cabeça para baixo dentro de uma fossa que era depois coberta com tábuas. Os cristãos ficavam, assim, sem luz e sem água, fortemente amarrados, até abjurarem ou morrerem.

Cristóvão Ferreira, apesar de toda a sua actividade apostólica reconhecida e esforçada, cedeu ao fim de algumas horas. Tinha 53 anos de idade; 37 de Companhia de Jesus. A notícia da sua apostasia chocou uma Europa que olhava para o martírio como a mais gloriosa morte. Não parecia ser possível que Cristóvão Ferreira renegasse a sua fé em Jesus Cristo e vários missionários partiram para o Japão para o encontrar e convencer a regressar à fé e a entregar a sua vida. Alguns foram torturados e cederam à apostasia; alguns, porém, acabaram por dar ali a sua vida. Desses, que morreram depois de submetidos à tortura da fossa regista-se o nome de pelo menos três jesuítas: Kassui Pedro; Marcello Mastrilli e Rubino.

Quanto a Cristóvão Ferreira, foi forçado a viver com a viúva de um prisioneiro executado, passando o resto da sua vida no Japão e servindo de intérprete para as autoridades japonesas.

Não é possível afirmar com total exatidão as circunstâncias da sua morte. As únicas fontes que conhecemos dizem-nos que, ao chegar a uma idade mais avançada, se arrependeu de ter renegado a fé. Tendo disto sabido, as autoridades japonesas de novo o terão prendido e condenaram-o mais uma vez à fossa. Ali terá morrido a 04 ou 5 de Novembro de 1650.

Por seu turno, Sebastião Rodrigues é uma personagem criada pelo livro "Silêncio", de Shusaku Endo, baseada no Jesuíta italiano Giuseppe Chiara. Este Jesuíta chegou a Oshima em Chikuzen a 27 de Junho de 1643 integrado num grupo de dez missionários que procurava Cristóvão Ferreira. Juntamente com os seus companheiros foi imediatamente capturado. Posteriormente, no julgamento a que foram sujeitos, Cristóvão Ferreira terá servido de intérprete. Todos estes missionários terão renegado a fé sob o peso da tortura da fossa e ter-se-ão retratado mais tarde. Giuseppe Chiara morreu em Edo a 24 de agosto de 1685, tendo dito anteriormente que permanecia cristão.

Síntese do texto de Hubert Cieslok "The case of Cristóvão Ferreira"

Monumenta Niponica, Primavera, 1974 - 1-54